

Um texto crítico para um futuro próximo

por MATHEUS BORGES

Hoje, 1 de outubro de 2017, completa 13 meses de um golpe que ficará marcado para sempre na história do Brasil: o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, que viu seu cargo ser empossado pelo até então vice, Michel Temer. Anterior à conclusão desse processo, muitos deputados discursaram durante a justificativa de seus votos. “Em memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra”, declarou um deles.

O coronel em questão, homenageado por um político que muito evidentemente apoia e concorda com os princípios do regime autoritarista, foi um militar atuante no período da ditadura militar brasileira, temido torturador conhecido por utilizar instrumentos como o “pau-de-arara” para causar dor às mulheres prisioneiras.

“Depois deles terem me batido muito com telefone, choque elétrico, pau-de-arara, choque na vagina, sempre despida, eu cheguei a um momento em que eu pedi: me matem. Eu quero morrer, não tô aguentando”, conta Rosalinda Santa Cruz, no filme *Que bom te ver viva*, de 1989, de **Lúcia Murat**. Além desse relato, o documentário conta a experiência de mais sete mulheres que, assim como a diretora, foram vítimas dos piores tipos de tortura e abuso na prisão.

Recentemente discuti este filme com outros membros desta edição da revista e, ouvindo a opinião geral, chegamos ao consenso unânime a respeito de sua importância em vários aspectos: para a memória de cada uma das vítimas – não

somente as que foram torturadas, mas também as que foram mortas –, para a cinematografia brasileira, pelo seu valor histórico e também para a reflexão sobre o atual contexto político de nosso país.

O filme se divide entre os depoimentos das mulheres e as passagens fictícias encenadas por Irene Ravache, cujo monólogo apresenta teor provocador, crítico e até mesmo humorístico, sem perder a seriedade da abordagem de um tema tão delicado, ocasionalmente quebrando a quarta parede e se comunicando diretamente com o espectador, outrora se referindo a alguém em particular.

“(...) embora o fato de eu ter sido presa, ter sido torturada, incomode, crie uma certa revolta, eles [meus filhos] preferem que eu não fale, (...) é um assunto que incomoda tanto que é melhor que se esqueça”, conta Estrela Toscano, em uma das passagens mais marcantes dos relatos, de acordo com os presentes na sessão. “Talvez pra que eles mesmos não entrem em contato com uma coisa tão dolorosa”, continua.

Realmente, tanta brutalidade praticada durante o regime militar é angustiante de se ouvir, não tanto quanto deve ser doloroso para quem a descreve, porém todos somos induzidos ao sofrimento. Que bom te ver viva é um documentário que choca, sem precisar apelar para imagens de violência explícita, pelo fato de lidar com a verdade nua e crua.

O período da ditadura militar é o mais obscuro da historiografia brasileira, uma vez que muitos documentos oficiais referentes a essa época não têm seu acesso autorizado ao público para pesquisa, deixando assim uma grande lacuna. Nesse contexto, a oralidade enquanto possibilidade de fonte histórica é de grande valor, assim como outras alternativas, para as quais o cinema tem sido um potencial aliado.

Portanto, tais depoimentos devem ser encorajados, ao invés de silenciados. Preencher espaços vazios nos livros de História é o menos importante: é pela resistência contida no ato de relatar, pela reflexão sobre a nossa história e o respeito à vida humana, e sobretudo para que tenhamos a consciência de que tal episódio jamais deve se repetir.

Por outro lado, a quantidade de apoiadores de uma intervenção autoritária tem crescido em proporções assustadoras – não podemos esquecer que o deputado anteriormente mencionado que homenageou um torturador será candidato à Presidência da República em 2018, gozando de muita popularidade e aprovação.

Sendo assim, não foi nenhuma surpresa ver que, nas manifestações que antecederam o início do processo de impeachment de Dilma Rousseff, muitas pessoas – em sua maioria pertencentes às classes média e alta – ergueram cartazes e gritaram pela volta da ditadura num contexto bastante agressivo, demonstrando uma pré-disposição ao linchamento de quem ousasse

discordar, como podemos ver em muitos vídeos que circulam pela internet.

Ali não havia espaço para questionamentos, tampouco diálogo. Porém, em se tratando de filmes brasileiros que abordam um período histórico, aqueles ambientados na época do regime militar são os mais demandados. As pessoas têm a necessidade de serem ouvidas e apresentarem suas perspectivas, o que vem acontecendo no cinema nacional desde os anos de atuação dos militares até a presente década.

Temos como alguns exemplos *Eles não usam black-tie* (Leon Hirszman, 1981), *Pra frente Brasil* (Roberto Farias, 1982), *O que é isso, companheiro?* (Bruno Barreto, 1997), *O ano em que meus pais saíram de férias* (Cao Hamburger, 2006) e *Tatuagem* (Hilton Lacerda, 2013).

Poderia citar muitos outros, mas essa pequena lista possui uma significativa diversidade de épocas e pontos de vista, pois os filmes contemplam o olhar de operários, artistas, crianças, guerrilheiros e não-guerrilheiros que também foram torturados. Cada um deles possui suas próprias particularidades e o principal consenso é sobre o quanto o povo sofreu com o caráter autoritário do regime em questão.

Tal diversidade e riqueza do cinema nacional nos permite pensar mais claramente sobre diversos questionamentos acerca da sociedade brasileira contemporânea, o que é muito importante levando em conta a fragilidade da democracia no

nosso atual cenário político.

O que significa para nós o fato de tantas pessoas pedirem a volta da ditadura militar? O que isso diz sobre nossos políticos, sobre nossa sociedade, sobre as eleições? Por que tanto se acredita na honestidade dos militares?

Os depoimentos que assistimos em *Que bom te ver viva* não devem ser esquecidos, assim como depoimentos guardados devem vir à luz. E que venham com a mesma sensibilidade e libertação com as quais Lúcia Murat nos proporciona. Seja no cinema, na literatura, no teatro, na música ou em qualquer meio que possibilite expressão. Para que nunca mais em nossa história precisemos temer o presente.

por MATHEUS BORGES